

2 A REPETIÇÃO NA TEORIA DE FREUD: O RETORNO DO RECALCADO E A COMPULSÃO À REPETIÇÃO

É possível precisar dois momentos específicos na teorização freudiana sobre a repetição. São eles: “Recordar, repetir e elaborar” (1914) e *Além do princípio de prazer* (1920). Contudo, Freud faz menção a este tema em diversas ocasiões ao longo de sua construção teórica, seja antes de 1914 ou posteriormente a 1920.

Não parece novidade afirmar que a repetição se impôs a Freud, desde o início de sua prática clínica. Assim, em uma época anterior às formulações sobre o caso de Dora e aos escritos sobre técnica, quando ele começa a abordar temas cruciais como a transferência e a resistência e a relação entre tais temas e a repetição, é admissível antever no texto *Projeto para uma psicologia científica* (1895), algo que se aproxima do que se pode chamar de “origem” do fenômeno repetição.

No fim do século XIX, Freud começava a desenvolver sua teoria sobre a estruturação do psiquismo. Ele almejava responder, com essa teoria, ao enigma do que é o ser humano. *A interpretação de sonhos* (1900) é sua resposta, porém, no *Projeto* já é possível encontrar algumas das premissas teóricas que ele desenvolveria posteriormente. Além de dar seus primeiros passos na construção do aparelho psíquico, Freud comenta, paralelamente, no *Projeto*, sobre o surgimento do fenômeno repetição. Muitos consideram¹ que a noção de facilitação pode ser entendida como um ponto de partida para as formulações que resultarão na teoria sobre a compulsão à repetição. Aliás, é o conceito de facilitação que permite pensar o aparelho psíquico como sendo

¹ KAUFMANN. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

um aparelho de memória, na medida em que são as facilitações entre os neurônios que constituem a memória, isto é, a representação de todas as influências que um determinado conjunto de neurônios vivenciou a partir do mundo externo.²

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, pode-se afirmar que esta noção traz ainda uma questão econômica, uma vez que considera que tudo na vida mental tende a percorrer um caminho já trilhado anteriormente, evitando, assim, os caminhos novos que impõem uma resistência maior. Este é o modelo do que ocorre com a maior quantidade de eventos que se caracterizam como repetição.³ O desenvolvimento desta questão, empreendido por Freud no *Projeto*, é o que permite tecer estas considerações.

Mas em que ocasião se “instaura” a repetição? Freud responde que

Podemos supor que, desde o momento em que uma situação, tendo sido uma vez alcançada, é desfeita, surge um instinto para criá-la novamente e ocasiona fenômenos que podemos descrever como uma compulsão à repetição.⁴

E, de acordo com Garcia-Roza,⁵ a experiência primária de satisfação pode ser tomada como exemplo de uma situação deste tipo. Segundo esse autor, Freud comenta esta experiência como sendo a primeira ocasião quando se dá o diferencial prazer — desprazer. Ou seja,

² FREUD. *Projeto para uma psicologia científica*, p. 490.

³³ Cf. KAUFMANN. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, verbete: compulsão à repetição. A idéia de se pensar a repetição como sendo uma insistência da cadeia significante é de Jacques Lacan e, como tal, não será desenvolvida neste capítulo, visto que é dedicado à repetição na acepção freudiana. No entanto, é interessante pensar, com Lacan e a partir de Freud, que o significante seria o único suporte possível do que é, para um sujeito, a experiência da repetição. Isto se refere ao postulado de que o que se trata é de uma repetição do fracasso, ou seja, do fracasso do recalque. O significante que nos abate com requinte avassalador é aquele que, de alguma forma, demonstrou mais força do que o recalque.

⁴ FREUD. “Conferência XXXII: ansiedade e vida instintual”, p. 132.

⁵ GARCIA-ROZA. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. RJ: Jorge Zahar, 1986.

A partir da experiência primeira de satisfação do bebê sugando o seio materno, estabelece-se uma facilitação ou um diferencial na trama dos neurônios, de tal modo que ao se repetir o estado de necessidade surgirá um impulso psíquico que procurará reinvestir a imagem mnêmica do objeto com a finalidade de reproduzir a satisfação original. [...] Este será doravante o modo básico de funcionamento do aparelho psíquico.⁶

Talvez seja possível considerar que este é o “momento mítico” que desencadeia a repetição, na medida em que a experiência de satisfação deixa facilitações do tipo compulsivo, como afirma Freud. Este caráter repetitivo que a experiência de satisfação imprime ao funcionamento do aparelho psíquico coloca o sujeito em uma busca infundável pelo objeto que ele crê ter alcançado, mas que está, desde sempre e para sempre, perdido.

É preciso, porém, ressaltar o fato de que, mesmo tomando a experiência primária de satisfação como protótipo, como um primeiro “elemento” da série, a ser repetido indefinidamente, é necessário ter cautela frente ao reducionismo que esta linha de raciocínio tende a conduzir, salienta Garcia-Roza. O primeiro encontro amoroso criança - mãe pode ser visto como ponto inicial de uma série, “mas isto se considerarmos apenas a série particular que une a criança à mãe. No entanto, nessa articulação criança - mãe podemos reencontrar outras articulações amorosas”.⁷ Nossos amores repetem os sentimentos pela mãe, mas repetem também outros amores que nós mesmos não vivemos, o amor de nossos pais pelos nossos avós, por exemplo.

2.1 A repetição e a transferência

⁶ GARCIA-ROZA. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Livro 3, p. 94.

⁷ GARCIA-ROZA. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*, p. 46.

Entre os impasses clínicos que fizeram com que Freud se voltasse para a questão da repetição, foi a análise do fenômeno transferência, quando tratava da jovem Dora, que o levou a se deparar com a compulsão à repetição. Até esse instante, sua preocupação era com a recordação dos acontecimentos passados do paciente, enquanto este desenvolvia um outro mecanismo. Sobre isto, ele escreveu, em 1914, que:

O paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo.⁸

Freud tinha se dado conta desse fato anos antes, quando Dora abandonou o tratamento após repetir com ele, na transferência, uma situação já vivida anteriormente com o Sr. K. De acordo com Laplanche e Pontalis,⁹ o próprio Freud, no comentário crítico que acrescenta ao relato da observação desse caso, imputa a um defeito da interpretação da transferência a interrupção prematura do tratamento.¹⁰ E, de fato, no “Pós-escrito” (1905) do caso de Dora, Freud diz que foi obrigado a falar da transferência, porque somente através deste fator pôde esclarecer as particularidades da análise de Dora, entre elas, a repetição:

Fui surpreendido pela transferência e, por causa desse “x” que me fazia lembrar-lhe o Sr. K., ela se vingou de mim como queria vingar-se dele, e me abandonou como se acreditara enganada e abandonada por ele. Assim, atuou uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento.¹¹

Ainda que tenha se tornado comum dizer que a transferência é uma repetição, não é possível deixar de comentar esta relação pela simples razão de que foi

⁸ FREUD. “Recordar, repetir e elaborar”, p. 196.

⁹ LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

¹⁰ LAPLANCHE; PONTALIS, op. cit. p. 517.

¹¹ FREUD. “Fragmentos da análise de um caso de histeria”, p. 113.

este fenômeno que despertou Freud para a importância da repetição. Na época em que tratava de Dora, ele definiu a transferência como sendo uma manifestação da repetição:

As transferências são reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico.¹²

Desta forma, tanto a partir da análise do caso de Dora quanto de “A dinâmica da transferência” (1912), pode-se inferir que a transferência não é um acontecimento passado que se verte sobre o presente, mas é atual e é vivida com o analista. Neste sentido, se a transferência é a repetição na análise, ela o é não porque são reproduzidos fatos reais vividos pelo paciente, mas sim porque estes são atualizados e tomam sentido em relação ao analista. Laplanche e Pontalis chamam a atenção, todavia, para o fato de que esta repetição na transferência das experiências do passado, das atitudes para com os pais etc., não deve ser tomada num sentido realista, pois,

Se por um lado, o que é essencialmente repetido é o desejo inconsciente e as fantasias conexas; por outro lado, as manifestações transferenciais não são literalmente repetições, mas equivalentes simbólicos do que é transferido.¹³

Na visão de Garcia-Roza, considerar este fato implica, ainda, diferenciar uma “repetição do mesmo” que seria mera reprodução de situações, de uma “repetição diferencial”, produtora de novidade e de diferença. Para esse autor, a transferência encarada como repetição só pode ser da ordem da diferença, justamente por ser o que possibilita um manejo no sentido da cura.¹⁴

Em “Recordar, repetir e elaborar” (1914), Freud articula a compulsão à repetição com a transferência e a resistência, fazendo, também, uma distinção mais

¹² FREUD. “Fragmentos da análise de um caso de histeria”, p. 110.

¹³ LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*, p. 520.

¹⁴ GARCIA-ROZA. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*, p. 22-23.

ampla entre recordação e repetição. Ele coloca a repetição, num primeiro momento, ao lado da resistência, dizendo que o paciente repete ao invés de recordar, e que, quanto maior for a resistência, mais a atuação (repetição) substituirá o recordar, “pois o recordar ideal do que foi esquecido corresponde a um estado no qual a resistência foi posta completamente de lado”.¹⁵ A repetição é tomada, inicialmente então, sob um aspecto negativo, como sendo um exemplo de resistência, para, num segundo tempo, ser considerada como o fundamento da transferência.

Contudo, alguns anos antes de escrever os artigos sobre a técnica psicanalítica, Freud já havia se referido à questão da recordação ou reminiscência. Ele o fez na “Comunicação preliminar” (1893), dizendo que os histéricos sofrem de reminiscências, isto é, de repetições de lembranças recalçadas, e que o que se repete nessas lembranças, nesse retorno, não é o mesmo, visto que o próprio movimento de retorno do recalçado marca a impossibilidade da repetição do mesmo acontecimento. Uma reminiscência, quando retorna, não pode ser, portanto, uma repetição fiel da impressão que foi recalçada; no movimento de retorno à consciência, a lembrança já foi necessariamente alterada pela censura. Por outro lado, é interessante ressaltar aquilo que faz com que uma reminiscência perdure: seu caráter traumático. Voltarei a falar deste tema no final deste capítulo, mas gostaria de assinalar o fato de que, mesmo tendo relativizado o papel do trauma na etiologia das neuroses após a constatação da importância do recalçamento na constituição do aparelho psíquico, Freud conservou a relevância do evento traumático na manutenção da economia psíquica. Por quê?

Freud assinala, ainda em “Recordar, repetir e elaborar”, que existe um tipo especial de experiências sobre as quais não se pode recuperar lembrança alguma. Tais “fatos” ocorreram em tenra infância e não foram compreendidos na ocasião em que

¹⁵ FREUD. “Recordar, repetir e elaborar”, p. 198.

se passaram, necessitando de um tempo *a posteriori* para serem assimilados e interpretados. Ora, parece óbvia a referência de Freud ao trauma quando menciona estas experiências. Afinal, àquilo que não pode ser recuperado pela lembrança só resta o caminho da repetição.

Retornando às relações entre a repetição e a transferência, Freud diz que para deixar de repetir não basta lembrar um fato simplesmente, não basta representar um acontecimento recalcado sem afeto. É preciso revivê-lo, atuá-lo na transferência. A este respeito, Birman¹⁶ afirma que

É no plano da transferência que a compulsão à repetição pode encontrar o caminho para a rememoração e a simbolização do sujeito. Portanto, a oposição entre transferência e repetição se coloca em toda a sua radicalidade, e o segredo para o sucesso do processo analítico está na habilidade do analista, o que, antes de mais nada, supõe uma capacidade subjetiva para manejar a transferência.¹⁷

Nesse instante, entre a transferência e a compulsão à repetição centra-se o espaço do processo psicanalítico, no qual a transferência procura articular a repetição na neurose de transferência, sob a forma de uma abertura possível ao campo de simbolização.¹⁸

Este é o caminho apontado por Freud e retomado por Birman para se manejar a compulsão à repetição na transferência, isto é, é necessário que o sujeito repita o conjunto de seus sintomas, “suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter”¹⁹ nesta condição artificial privilegiada, para que a repetição possa ser elaborada.

Continuando em “Recordar, repetir e elaborar”, Freud dá exemplos de como a compulsão à repetição se dá a ver na análise. De acordo com ele, o paciente não

¹⁶ BIRMAN. Freud e a interpretação psicanalítica. In: _____. *A constituição do campo transferencial*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.

¹⁷ BIRMAN, op. cit. p. 201.

¹⁸ Ibidem. p. 203.

¹⁹ FREUD. “Recordar, repetir e elaborar”, p. 198.

diz que recorda que costumava desafiar e criticar a autoridade dos pais, mas, em vez disso, age desta forma com o médico. Não se lembra como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas pesquisas sexuais infantis; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixa-se de que não consegue ter sucesso em nada e assegura estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende. Não se recorda de ter sentido vergonha de certas atividades sexuais nem tampouco de ter ficado com medo de ser descoberto, mas mostra-se envergonhado do tratamento atual e tenta escondê-lo de todos.²⁰

Antes de prosseguir nesta investigação sobre a repetição ao longo da obra freudiana, é preciso enfatizar a presença, já nesse texto de 1914, da repetição em sua dupla perspectiva, ou seja, como retorno do recalçado e como compulsão à repetição. A repetição encarada como uma manifestação do retorno do recalçado já tinha se dado a ver a Freud desde a época dos *Estudos sobre a histeria*, como ressalta seu comentário sobre as reminiscências na “Comunicação preliminar”. Contudo, a repetição, reconhecida como sendo da ordem de uma compulsão, que Freud caracterizará como essencialmente pulsional na “virada” de 1920, aparece aqui pela primeira vez. No entanto, a despeito da importância desse artigo para o tema da repetição, faz-se necessário observar que ela não tem aqui definido, ainda, seu estatuto de conceito, uma vez que é reconhecida por Freud somente no que se refere ao âmbito do fenômeno transferencial.

2.2 A compulsão à repetição na “psicopatologia da vida cotidiana”

²⁰ FREUD, op. cit. p. 196.

Apesar de todos os exemplos que fornece sobre a incidência da compulsão à repetição na vida das pessoas comuns, é em “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico” (1916) que Freud dá um modelo paradigmático da maneira como se manifesta a compulsão à repetição. Essa amostra permite vislumbrar a força dos conteúdos recalçados, principalmente os relacionados ao complexo de Édipo, na determinação do material que será repetido. Na análise de pessoas que adoecem em consequência de um êxito, chamadas por Freud de “arruinados pelo êxito”, ele relata a história de uma personagem de um conto de Ibsen, um dramaturgo de sua época. Nessa história, Rebecca Gamvik, filha de uma parteira, é adotada e educada pelo Dr. West, dentro de moldes bastante liberais, após a morte da mãe dela. Transcorrido não se sabe quanto tempo, Rebecca consegue um emprego em uma localidade chamada Rosmersholm, onde viviam o ex-pastor Johannes Rosmer e sua esposa inválida Beata. Nessa ocasião, Rebecca é dominada por uma paixão incontrolável por Rosmer, paixão que a faz planejar eliminar a esposa dele, a qual havia se tornado um obstáculo para seus planos. A trama criminosa é coroada de êxito, comenta Freud, já que Beata, esposa de Rosmer, se atira num açude ao lado da casa, após Rebecca ter-lhe lançado dúvidas sobre a razão de seu casamento e sobre a integridade moral de seu marido.

O tempo passa e Rebecca e Rosmer vivem juntos em Rosmersholm mantendo uma relação de amizade. Passado um ano, começam os boatos sobre essa amizade e Rosmer decide pedir Rebecca em casamento. Ela chega até a se alegrar, mas logo diz a Rosmer que isto é impossível. Ele, nem tão pouco nós, como diz Freud, podemos entender o motivo dessa rejeição, depois de saber dos atos cometidos por Rebecca. Mas ela justifica sua recusa àquilo que a havia motivado com tanta força,

dizendo que a convivência com Rosmer, a delicadeza dele e seus sentimentos ternos haviam atuado sobre sua vontade, minando suas forças. Rebecca faz esta declaração após confessar seu crime a Rosmer e ao Prior Kroll, irmão da falecida Beata.

Neste ponto da narrativa, Freud adverte para o fato de que esta é só uma parte da verdade, pois há uma outra, provavelmente com maior poder motivador, que ainda permanece oculta. Mesmo após a confissão de Rebecca, Rosmer sustenta seu pedido de casamento, perdoadando-lhe o crime cometido em nome do amor que ela sentia por ele. Entretanto, perdão algum pode livrá-la do sentimento de culpa que se abateu sobre ela, após ter enganado Beata. De acordo com Freud, Rebecca se recrimina por outro fato e isto é surpreendente, se levarmos em conta a educação que ela recebeu. Ela diz a Rosmer que ele deve desistir, que é impossível para ela se casar com ele porque ela tem um passado. Freud conta que Rebecca quer dizer, com isto, que teve relações sexuais com outro homem numa época em que era desimpedida. Ele afirma, também, que essas relações parecem um empecilho maior à união de Rebecca com Rosmer do que o comportamento criminoso dela para com Beata. Um fato ocorrido entre a primeira recusa de Rebecca e sua confissão ilustra esse ponto: o Prior Kroll vai, um dia, a Rosmersholm com o intuito de humilhar Rebecca e lhe diz que ela é uma criança ilegítima, filha do Dr. West, que a adotou após a morte da mãe dela. Kroll afirma, nessa ocasião, que só isto justifica os cuidados que Rebecca tinha com o Dr. West, apesar de ele a tratar asperamente e só ter lhe deixado uma estante de livros. Mas Kroll está enganado. Rebecca não fazia idéia de que pudesse ser filha do Dr. West. Quando Kroll começou a aludir ao seu passado, ela deve ter pensado que ele se referia a outra coisa, comenta Freud. Tanto é assim que ela fica extremamente agitada e diz que ele, Kroll, está induzindo-a a acreditar nisso.

Freud continua, afirmando que o comportamento de Rebecca só pode ser entendido se consideramos que o fato do Dr. West ser seu pai foi o golpe mais duro que ela poderia ter recebido, já que além de ser sua filha adotiva, ela fora também sua amante. Na opinião de Freud, Rebecca só poderia ter em mente sua ligação amorosa com Dr. West, quando rejeitou Rosmer pela segunda vez, após ter confessado seu crime e ele ter-lhe perdoado. Este era o passado que a tornava indigna de ser esposa dele.

Agora, porém, compreendemos, naturalmente, que esse passado lhe deve ter parecido o obstáculo mais grave à união dos dois – o crime mais grave. Depois de saber que fora amante de seu próprio pai, ela se entrega inteiramente a seu já então superdominador sentimento de culpa.²¹

Ainda de acordo com Freud, o verdadeiro motivo desse sentimento de culpa, o que faz com que Rebecca seja “arruinada pelo êxito”, continua obscuro e só pode ser esclarecido se temos em mente que este sentimento deve-se às censuras dela contra si mesma em decorrência do incesto que cometeu, isto mesmo antes de Kroll tê-la tornado consciente desse fato. Se juntarmos as peças de seu passado, ampliando e preenchendo os indícios fornecidos pelo escritor, podemos, afirma Freud, nos sentir seguros de que ela não pode ter deixado de suspeitar que sua mãe e o Dr. West tinham uma relação amorosa. Rebecca deve ter ficado bastante impressionada quando se viu ocupando o lugar que fora de sua mãe junto a esse homem. Caiu sob o domínio do complexo de Édipo, continua Freud, embora não suspeitasse que, em seu caso, essa fantasia universal se tornara realidade. Assim, quando chegou a Rosmersholm, Rebecca sentiu-se impelida, sob a força avassaladora da compulsão à repetição, a repetir a mesma situação que já se realizara no exemplo original, isto é, livrar-se da esposa e da mãe de modo que pudesse ocupar o lugar desta junto ao marido e ao pai. A própria

²¹ FREUD. “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, p. 371.

Rebecca descreve, de forma bastante convincente como, contra sua vontade, foi obrigada a avançar, passo a passo, até a eliminação de Beata.

O senhor pensa então que eu era fria, calculista e serena o tempo todo! Não era então a mesma mulher que sou agora, quando estou aqui a lhe contar tudo. [...] Queria Beata afastada, de uma maneira ou de outra, mas nunca realmente acreditei que isso viesse a acontecer. À medida que avançava cautelosamente, a cada passo que eu aventurava, parecia ouvir alguma coisa dentro de mim que exclamava: Não vá adiante! Nem mais um passo à frente! E contudo eu não podia parar. Tinha de aventurar só mais um pouquinho. E somente mais um milímetro. E logo depois mais um – e sempre mais um. E então aconteceu. – É assim que essas coisas acontecem.²²

Conclui-se, então, juntamente com Freud, que tudo que Rebecca viveu em Rosmersholm, seja sua paixão por Rosmer ou sua hostilidade para com a esposa dele, foi consequência do complexo de Édipo; uma repetição inevitável de suas relações com sua mãe e com o Dr. West. Pode-se afirmar, também, que este exemplo de manifestação da compulsão à repetição traz, para bem perto de todos, toda a teorização sobre este fenômeno empreendida por Freud em “Recordar, repetir e elaborar” e que tem seu desfecho no texto de 1920.

Contudo, em um momento ainda anterior à publicação de *Além do princípio de prazer* (1920) Freud discute, novamente, sobre a compulsão à repetição em um outro texto. “O estranho” (1919) interessa aqui não só pela análise da palavra *unheimlich*, empreendida por Freud e pelos comentários que ele faz sobre o conto “Homem da areia”, de Hoffman, mas, principalmente, pela articulação do estranho ao recalçamento e à compulsão à repetição.²³ O estranho, para Freud, é aquela categoria de coisas que se pode chamar de estranhamente familiares ou familiarmente estranhas. Nas

²² FREUD. “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, p. 373.

²³ Este texto inclui, ainda, de acordo com James Strachey, editor inglês da edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, um parágrafo que condensa grande parte da essência de *Além do princípio de prazer*, escrito na mesma época do presente artigo, mas publicado somente um ano depois. Nesse parágrafo, a compulsão à repetição é caracterizada como um fenômeno derivado da natureza mais íntima das pulsões, podendo ser poderosa o suficiente para desprezar o princípio de prazer, além de poder ser observada no comportamento das crianças e no tratamento psicanalítico.

pesquisas que ele realizou sobre as diversas definições para a palavra *unheimlich*, destaque-se as traduções desta palavra para os seguintes idiomas: francês: *inquiétant*, *sinistre*; espanhol: *siniestro*; e, em árabe e hebreu “estranho”, é o mesmo que “demoníaco”. Freud encontra, ainda, uma definição de Schelling do estranho como sendo algo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.²⁴

Na parte II desse artigo, Freud aproxima o estranho do recalçamento e da compulsão à repetição. Conclui sobre a existência de uma ligação entre o estranho e o mecanismo de recalque após analisar algumas situações, entre elas, o conto “Homem da areia”, de Hoffman.

Como é sabido, este é um conto cujo tema principal gira em torno de um homem que arranca os olhos das crianças. Nessa história, Nataniel é um jovem que escuta a mãe dizer que as crianças têm que ir cedo para a cama, porque o Homem da Areia está chegando. No entanto, quando indagada sobre a veracidade desse homem, a mãe de Nataniel nega sua existência. Já a babá afirma que ele, o Homem da Areia, é perverso e gosta de jogar areia nos olhos das crianças, fazendo com que estes saltem para fora da cabeça. Nataniel fica impressionado com essa história e acaba associando a figura do Homem da Areia ao advogado Copélio, um sujeito estranho que costumava visitar seu pai todas as noites e que tem o hábito de assustar as crianças. Em uma dessas visitas de Copélio, um ano após Nataniel ter sido apanhado por ele enquanto espionava-o e ao pai no escritório, o pai de Nataniel morre numa explosão, deixando o filho bastante perturbado.

Anos mais tarde, já estudante e vivendo na cidade universitária, Nataniel adquire o hábito de espionar a casa em frente à sua, que pertencia ao Professor

²⁴ Cf. FREUD. “O estranho”, p. 278 e 281. Note-se que sinistro e demoníaco são adjetivos empregados por Freud na caracterização dos fenômenos de compulsão à repetição e, também, na definição da pulsão de morte.

Spalanzani. Com a ajuda de um instrumento, uma espécie de luneta ou binóculo, ele espreita a filha deste professor. Olímpia é uma moça bela, porém, muito estranha. Nataniel logo se apaixona por ela, mas ela é um autômato criado por Spalanzani e cujos olhos foram colocados por Copélio, o Homem da Areia.²⁵

Após oferecer um pequeno resumo da história, Freud prossegue analisando a questão sobre o que, de fato, causa estranheza nesse conto de Hoffman. De acordo com ele, o problema está entre dois pontos: o “arrancar de olhos” e a presença de um autômato, o que incita uma dúvida intelectual por questionar um objeto quanto a ser vivo ou inanimado. No entanto, Freud soluciona este impasse afirmando que essa incerteza intelectual é irrelevante frente à estranheza que o “arrancar de olhos” provoca. Na perspectiva freudiana, o medo de perder os olhos é um dos mais terríveis temores das crianças, e pode ser entendido como sendo um substituto do temor de castração, fato comprovado pela análise dos sonhos, fantasias e mitos.²⁶ E, para não deixar dúvidas sobre a origem do sentimento de estranheza, Freud tece, ainda, mais duas considerações:

Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido, em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras constituiria então o estranho. [...] Em segundo lugar, se é essa, na verdade, a natureza secreta do estranho, pode-se compreender por que o uso lingüístico estendeu *das Heimliche* (doméstico, familiar) para o seu oposto, *das Unheimliche*; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente de alienou desta através do processo da repressão.²⁷

²⁵ O leitor que se interessar pelo desenrolar do conto pode consultar o texto freudiano: “O estranho”, v. 17, p. 285-288. Ou o próprio E. T. A. Hoffman: *Contos sinistros – o homem da areia e os autômatos*, 1817, tradução: Ricardo Ferreira Henrique, Ed. Max Limonard Ltda., 1987, p 19-52.

²⁶ FREUD. “O estranho”, p. 289.

²⁷ FREUD, op. cit. p. 300-301.

Esta última observação permite, também, que se possa compreender a definição dada por Schelling do estranho como aquilo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz, isto é, como uma manifestação do retorno do recaiado.

Tendo comprovado a relação existente entre o estranho e os conteúdos recaiados, Freud continua analisando fenômenos que causam estranheza, no intuito de relacioná-los a compulsão à repetição.

Daquilo que tenho observado, esse fenômeno, sujeito a determinadas condições e combinado a determinadas circunstâncias, provoca indubitavelmente uma sensação estranha, que, além do mais, evoca a sensação de desamparo experimentada em alguns estados oníricos.²⁸

Para exemplificar este ponto de vista, Freud conta que, certa vez, em uma tarde de verão, andava pelas ruas de uma pequena cidade italiana, quando se deu conta de que estava num quarteirão cheio de bordéis. Saiu rapidamente do local, andou mais um pouco e se viu novamente no mesmo lugar. Afastou-se apressadamente, mais uma vez, e por outro atalho, acabou lá de novo, pela terceira vez. Freud diz que, nessa ocasião, sobreveio-lhe uma sensação que ele só pode descrever como estranha. Relata que outras situações — que têm em comum com a que ele viveu um retorno involuntário da mesma situação, mas que diferem dela em outros aspectos — resultam também na mesma sensação de estranheza e desamparo.

No entanto, há outro tipo de coisas que devem ser consideradas, como, por exemplo, o fato de se deparar com um número qualquer diversas vezes no mesmo dia ou de se perceber que tudo que é numerado — endereços, placas de automóveis, quartos de hotel — tem, invariavelmente, o mesmo número ou os mesmos algarismos. Estas “coincidências” são percebidas como algo estranho. E esta estranheza, afirma

²⁸ Ibidem. p. 295.

Freud, só pode ser explicada pelo fator da repetição involuntária que cerca aquilo que, de outra maneira, seria inocente, de uma atmosfera estranha, impondo a idéia de algo fatídico e inescapável.

É possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma compulsão à repetição, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente a própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco, e ainda muito claramente expressa nos impulsos das crianças pequenas. [...] Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima compulsão á repetição é percebido com estranho.²⁹

Garcia-Roza ressalta, referindo-se a este aspecto que aproxima o estranho da compulsão à repetição, que “só há *Unheimlich* se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como diferente”.³⁰

2.3 A compulsão à repetição e seu caráter pulsional

Além do princípio de prazer é um marco no pensamento freudiano. É o momento da teorização do dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte e é, também, ocasião para Freud acrescentar alguns elementos essenciais a respeito da compulsão à repetição. Primeiramente, a repetição que faz parte do comportamento das crianças, do qual o jogo do “fort-da” é o exemplo paradigmático, quando a criança repete ativamente aquilo que viveu na passividade como uma tentativa de elaboração, não contradiz em nada o princípio de prazer. Esta repetição, isto é, “a reexperiência de algo idêntico, é claramente, em si mesma, uma fonte de prazer”.³¹ No entanto, a

²⁹ FREUD. “O estranho”, p. 297-298. Este é o trecho ao qual o editor inglês se refere em *Além do princípio de prazer*.

³⁰

GARCIA-ROZA. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*, p. 24-25.

³¹ FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 46.

repetição que é observada nos tratamentos analíticos se opõe ao princípio de prazer, ou melhor, despreza totalmente este princípio. Esta compulsão à repetição é o acontecer da pulsão de morte, é o modo de ela se dar a ver. São estas as principais conclusões apresentadas por Freud, acerca da repetição, nesse texto. Vejamos como ele as desenvolveu.

Ao longo do capítulo I, Freud se dedica a investigar a predominância do funcionamento do princípio de prazer na vida mental. Ele afirma que os processos mentais caminham numa direção tal que haverá uma redução da tensão, ou seja, uma evitação ou uma produção de prazer. Este é o aspecto econômico do aparelho psíquico e quando a ele se juntam o dinâmico e o topográfico, é possível pensar na metapsicologia de um processo psíquico. De acordo com Freud, a teoria metapsicológica é uma tentativa de descrição daquilo que é encontrado na clínica e, a partir disto, postulou-se que o prazer e o desprazer estão ligados à quantidade de excitação “livre” presente no aparelho psíquico. O desprazer é, então, definido como o aumento da quantidade de excitação, enquanto o prazer se caracteriza por uma diminuição da quantidade de energia que circula pelo psiquismo. Contudo, diz Freud, ainda não é possível tirar nenhuma implicação desta constatação.

Por outro lado, é preciso considerar as descobertas de G. T. Fechner, que coincidem com as psicanalíticas em relação ao tema do prazer e do desprazer. Segundo Freud, Fechner relaciona o prazer e o desprazer com as condições psicofísicas de estabilidade e instabilidade, o que, por sua vez, fornecerá as bases para uma argumentação que Freud desenvolverá mais adiante. De acordo com essa hipótese de Fechner, um movimento psicofísico que se eleve acima do limiar da consciência geraria

prazer quando se aproximasse da estabilidade, e desprazer se ultrapassasse um certo limite que se desvie dessa estabilidade.

Freud continua seu raciocínio, relatando um outro fator que o fez postular a predominância do princípio de prazer nos processos mentais: a hipótese de que o aparelho psíquico se esforça por manter a quantidade de excitação o mais baixa possível ou, pelo menos, constante. Na verdade, isto é apenas outra maneira de falar do princípio de prazer que, no final das contas, decorre do princípio de constância. Em nota de rodapé a esse respeito, Freud define o princípio de constância como sendo uma tendência existente no psiquismo no sentido de manter constante a excitação psíquica. Definição, aliás, que remonta ao início de seus estudos psicológicos, uma vez que a origem deste princípio pode ser encontrada no *Projeto* sob o nome de “inércia neurônica”.³² Isto coincide, ainda, com o que Fechner denomina “tendência no sentido da estabilidade”.

No entanto, é incorreto afirmar a dominância do princípio de prazer no curso dos processos mentais. O que existe é uma forte tendência no sentido desse princípio, embora tal tendência seja contrariada por forças ou circunstâncias que nem sempre se mostram em harmonia com o prazer. Novamente, Freud se apóia em Fechner para afirmar que uma tendência no sentido de algo não implica que esse algo seja atingido.

Mas quais são as circunstâncias que podem impedir o princípio de prazer de ser levada a cabo? — questiona Freud. Ele responde que, quando fazemos essas afirmações colocamo-nos, de novo, num campo seguro da prática psicanalítica. Aqui cabem duas observações: 1- O princípio de prazer é próprio do modo de funcionamento primário do aparelho psíquico e, do ponto de vista da autopreservação do organismo, ele

³² Cf. FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 19.

é ineficaz e até perigoso. Assim, sob a influência dos instintos de autopreservação, o princípio de prazer será substituído pelo princípio de realidade, que não abandona o objetivo de se obter prazer, mas adia a satisfação, impondo uma tolerância temporária do desprazer como sendo um caminho para o prazer. Contudo, às vezes, prossegue Freud, este princípio de prazer prevalece em detrimento do organismo. 2- Outra ocasião de liberação de desprazer pode ser encontrada nos conflitos que o eu atravessa ao longo de seu desenvolvimento. Nesse curso, acontece repetidas vezes que pulsões individuais, ou parciais, se mostrem incompatíveis com as exigências do eu. Essas pulsões são, então, expulsas pelo processo de recalçamento e mantidas no inconsciente, sem ter, de início, possibilidade de obter satisfação. Quando, porém, elas conseguem chegar à consciência indiretamente, por meio dos sintomas, tal acontecimento, que em outros casos seria perigoso, é sentido como desprazeroso pelo eu. Freud afirma que todo prazer neurótico é dessa espécie, isto é, um prazer que não pode ser sentido como tal.

Concluindo o primeiro capítulo, Freud salienta que a maior parte do desprazer que é experimentado é um desprazer perceptivo que pode ser a percepção de uma pressão das pulsões insatisfeitas, ou a percepção externa da aflição que o eu sente como perigo. A reação a essas exigências pulsionais e ameaças de perigo, que, aliás, é a própria atividade do aparelho psíquico, pode ser assim dirigida pelo princípio de prazer ou pelo princípio de realidade, e isso não parece limitar o alcance do princípio de prazer. No entanto, a investigação da reação mental ao perigo externo produz novos materiais e levanta questões relacionadas ao nosso problema atual.³³

No capítulo II, assim como no IV, Freud se dedica a investigar a neurose traumática e suas relações com a repetição. Contudo, deixarei para considerar este aspecto separadamente, mais adiante.

³³ Cf. FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 17-21.

Freud começa o capítulo III retomando o que já havia elaborado acerca da repetição, em 1914. Afirma que aquilo que o paciente recalcou e que ele não consegue recordar na análise retorna no presente; o paciente se vê obrigado a repetir o recalcado ao invés de rememorá-lo como algo do passado. Nesse momento, a repetição se encontra ao lado da resistência, porém, esta resistência, apesar de ser inconsciente, não é do Inconsciente, devendo ser relacionada ao eu, enquanto a compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalcado. Freud diz que essa resistência do eu obedece ao princípio de prazer, uma vez que ela visa a evitar o desprazer que o retorno do recalcado provocaria. Mas o conteúdo recalcado que retorna sob a forma de compulsão à repetição também é fonte de desprazer para o eu. Entretanto, não se pode dizer que, por causa disto, existe oposição entre a repetição e o princípio de prazer, já que o que causa desprazer a uma instância pode ser causa de prazer em outra. A contradição com o princípio de prazer encontra-se no fato de que a compulsão à repetição, além de evocar os conteúdos recalcados, traz à tona, também, as experiências que nunca trouxeram prazer a nenhum dos sistemas.

Outro fator que levou Freud a concluir sobre a existência de uma compulsão à repetição, poderosa o suficiente para desprezar o princípio de prazer, pode ser observado na vida de pessoas comuns. É o que ele denomina “perpétua recorrência da mesma coisa”. Para exemplificar, pode-se citar o caso de um homem que, repetidas vezes, ao longo da vida, elege alguém como mestre para, após certo intervalo de tempo, destituí-lo desta posição. Ou, então, pessoas em que todos os relacionamentos atingem o mesmo resultado, tal como um homem cujas amizades sempre terminam com uma traição por parte do amigo.³⁴ Freud afirma que as pessoas que vivenciam este fenômeno dão a impressão de serem perseguidas por um destino terrível ou de serem possuídas

³⁴ FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 33.

por algo demoníaco. Todavia, a repetição que é encontrada nessas pessoas não difere em nada da compulsão à repetição que é observada nos neuróticos.

Desta forma, considerando-se essas observações, que podem ser inferidas no comportamento, na transferência e nas histórias da vida de homens e mulheres, estaremos seguros para supor a existência na mente de uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer. Freud se pergunta, então, sobre a qual função corresponderia esta compulsão e quais são suas relações com o princípio de prazer que, até então, dominava a vida psíquica. Mas, antes de responder, avisa que “o que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor levará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual”.³⁵

Ao longo do capítulo V, Freud investiga que relação existe entre a compulsão à repetição e o pulsional. Seria esta compulsão uma característica própria da pulsão? Para esclarecê-las, Freud introduz a hipótese cujo desenvolvimento o conduzirá à postulação das pulsões de vida e das pulsões de morte. Ele parte de uma nova definição de pulsão, elaborada a partir do quadro do ser vivo: “um instinto é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas”.³⁶ Esta concepção de pulsão contradiz a idéia precedente, elaborada em “Os instintos e suas vicissitudes” (1915), segundo a qual as pulsões são entendidas como os agentes da mudança e do progresso.³⁷ O novo entendimento acerca das pulsões considera, por outro lado, que elas são fatores conservadores da matéria viva, atribuindo-lhes um “determinismo histórico”. De acordo com Freud, a hereditariedade e a embriologia confirmam a idéia de que o desenvolvimento de um organismo vivo não pode ser

³⁵ FREUD, op. cit. p. 35.

³⁶ FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 47.

³⁷ Cf. FREUD. “Os instintos e suas vicissitudes”, p. 140-142.

explicado senão sustentando-se a existência de pulsões conservadoras e historicamente determinadas.

Visto sob este prisma, o ser vivo não teria qualquer desejo de mudança. Todo seu desenvolvimento seria fruto de influências exteriores. As pulsões, sempre conservadoras, só repetiriam um mesmo caminho que leva à morte, isto é, a um estado inanimado que se supõe ser o início da vida e ao qual elas desejam apenas voltar: “O objetivo de toda vida é a morte”.³⁸ Desta forma, toda modificação imposta ao organismo, ao longo da vida, é aceita e incorporada ao processo de repetição. Os desvios impostos pelo exterior, tendo sido incorporados, fariam com que o organismo não quisesse morrer senão à sua maneira e se defendesse contra as influências que poderiam ajudá-lo a atingir seu objetivo por uma via mais curta. Este modo de funcionamento, sublinha Freud, é a característica do pulsional, em oposição ao pensamento.

Freud segue dizendo que entre os organismos elementares que constituem o ser vivo existem aqueles que não percorrem este caminho, tais como as células germinais ou de reprodução. Estas células, tendo retido sua estrutura original, se separam do organismo em um dado momento, para se reproduzirem. De acordo com Freud, elas parecem se opor à morte, mesmo que isto nada mais seja que um prolongamento do caminho que leva à morte.

As pulsões que velam pelo destino desses organismos elementares, incluindo as células germinais, preservam a vida mais longamente e constituem o grupo das pulsões sexuais. Segundo Freud, continuam sendo pulsões conservadoras, só que num grau mais elevado, já que resistem às influências externas. Estas pulsões são as

³⁸ FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 49.

verdadeiras pulsões de vida e fazem seu trabalho opondo-se ao outro grupo de pulsões que, em decorrência de sua função, buscam a morte. Freud ressalta, ainda, que esta oposição entre os dois grupos de pulsões, as de vida e as de morte, foi há muito tempo reconhecida pela teoria das neuroses.

No decorrer do capítulo seguinte, o VI, Freud justifica seu novo dualismo pulsional perseguindo, até o limite, a hipótese do caráter regressivo das pulsões, isto é, “toda substância viva está fadada a morrer por causas internas”.³⁹ Inicialmente, ele demonstra que a existência das pulsões de morte não pode ser refutada pela biologia e que estas mesmas pulsões encontram confirmação na Psicanálise, por meio do problema do sadismo e do masoquismo primordial. Em seguida, busca provar que existe também nas pulsões sexuais uma compulsão à repetição que, até então, só podia ser atribuída às pulsões de morte.

Após uma pequena digressão pela filosofia de Platão, Freud se questiona sobre as hipóteses que levantou até aquele ponto, afirmando não estar totalmente convencido da veracidade das mesmas. No entanto, afirma que não pode desprezar as “novidades” trazidas diretamente de sua observação clínica, isto é, a extensão do conceito de sexualidade e a hipótese do narcisismo, que impuseram modificações à teoria. A própria idéia do caráter regressivo das pulsões surgiu apoiada na observação de fenômenos clínicos, os de compulsão à repetição. Todavia, ressalta Freud, pode ser que este fator também tenha sido superestimado por ele mesmo. O fato é que não é possível para Freud, nesse momento, atribuir a compulsão à repetição também às pulsões de vida. Neste ponto, o campo de investigação tornou-se muito especulativo.

³⁹ FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 55.

Assim, Freud conclui o texto discorrendo sobre a relação dos processos pulsionais de repetição com a dominação do princípio de prazer. Ele afirma que a predominância deste princípio, na vida mental, pressupõe a ligação das moções pulsionais e de seus investimentos, isto é, a transformação dos processos primários em processos secundários. Tudo isto visando a permitir a descarga de excitação que será sentida como prazer. O princípio de prazer é, então, uma tendência que opera para reduzir as excitações no aparelho psíquico, apresentando-se como um participante da aspiração mais geral de todo ser vivo: retornar ao repouso do mundo inorgânico.

Contudo, pode-se indagar, ainda a este respeito, se a compulsão à repetição não teria como função ligar psiquicamente as excitações. Em se tratando dos sonhos nas neuroses traumáticas, esta é a idéia de Freud. Mas e quanto às outras manifestações deste fenômeno? Estabelecida, então, a relação entre a compulsão à repetição e o pulsional, a pulsão revela estar, ela mesma, ligada ao traumático.⁴⁰

2.4 A compulsão à repetição e a pulsão de morte: por uma possibilidade de se pensar o traumático como o excedente pulsional no psiquismo

Por considerar que o trauma traz importantes contribuições para esta pesquisa, penso ser necessário abordá-lo separadamente. O conceito de traumático interessa aqui na medida em que possibilita um entendimento da compulsão à repetição como sendo uma *apresentação* do excesso pulsional.

Desde 1916, época das Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, Freud já indicava a relação existente entre o trauma e o aspecto econômico, ou quantitativo, dos processos mentais. De acordo com ele, “o termo ‘traumático’ não tem

⁴⁰ Esta é uma idéia que será desenvolvida por Jean Laplanche em seus estudos.

outro sentido senão o sentido econômico”.⁴¹ Toda experiência cujo tom afetivo é excessivamente intenso tem um caráter traumático. Além disso, nessa mesma ocasião, ele deixa bem claro o quanto repetição e trauma se relacionam, ao afirmar que os pacientes que sofrem de neuroses traumáticas repetem com regularidade a situação traumática em seus sonhos,⁴² ponto, aliás, retomado por ele em 1920, na exposição sobre a compulsão à repetição.

No capítulo II de *Além do princípio de prazer*, como já mencionei, Freud introduz a relação entre a neurose traumática e a repetição. Ele começa dizendo que há muito tempo se conhece a neurose traumática e que seu quadro sintomático é bem próximo ao da histeria pela abundância dos sintomas motores. Em geral, porém, a neurose traumática apresenta uma maior indisposição subjetiva (um mal-estar) e um abrangente debilitamento das capacidades mentais. Freud afirma, ainda, que a causa da neurose traumática leva em conta o efeito surpresa e que um ferimento que ocorra simultaneamente ao surgimento da doença opera contra seu desenvolvimento. Ele pensa, também, que a angústia, definida nesse momento como sendo um estado particular de se esperar o perigo ou de se preparar para ele — mesmo quando aquilo que se espera seja algo desconhecido —, não produz uma neurose traumática, já que na angústia existe algo que protege o sujeito contra o susto.

Freud passa a considerar, então, os sonhos, para investigar as neuroses traumáticas, uma vez que eles são o melhor método para se estudar os processos mentais profundos. Os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu acidente. Este fato parece ser normal para as pessoas, que o interpretam como sendo um exemplo

⁴¹ FREUD. “Conferência XVII: Fixação em traumas - o inconsciente”, p. 283.

⁴² FREUD, op. cit. p. 282.

da fixação do doente ao trauma. Esta fixação à experiência traumática que, por sua vez, deu início à doença, há muito tempo é familiar à Psicanálise, desde quando Freud anunciou, com Breuer, em 1893, que os histéricos sofrem de reminiscências. Contudo, Freud diz não acreditar que quem sofre de neurose traumática queira ficar, quando desperto, pensando no acidente em si. O que esses doentes querem, na realidade, é o contrário disto, ou seja, não pensar no acidente. Assim, qualquer um que aceite como algo normal e comum que, quando dormindo, sonhe com a situação que o fez adoecer, compreende mal a natureza dos sonhos. Seria mais adequado à teoria dos sonhos, se estes mostrassem ao paciente quadros do passado sadio. E, se não se quiser que os sonhos dos neuróticos traumáticos abalem a crença nos sonhos como realizadores de desejo, salienta Freud, é preciso afirmar que a função do sonhar está perturbada nessas pessoas que sofrem de neurose traumática ou refletir sobre as tendências masoquistas do eu.

É somente no decorrer do capítulo IV que Freud faz, efetivamente, a articulação da neurose traumática com a compulsão à repetição. Lá ele define como traumáticas

Quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficazes contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala no funcionamento do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis.⁴³

Desta forma, a compulsão à repetição pode servir para dominar retroativamente as excitações que, na ocasião de um trauma psíquico, fizeram efração no aparelho, como é o caso dos sonhos nas neuroses traumáticas. Neste caso, tratar-se-ia

⁴³ FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 40.

de uma ligação psíquica de impressões traumáticas. É preciso observar, contudo, que Freud faz essas formulações considerando as excitações provenientes do exterior. Mas o que ocorre com as excitações que provém do interior, com as pulsões? Segundo ele, se há compulsão à repetição, isto quer dizer que os acontecimentos envolvidos deixaram traços mnésicos que não se encontram psiquicamente ligados. Os sonhos traumáticos obedecem, portanto, à compulsão à repetição. São uma manifestação desse fenômeno, ou seja, uma tentativa de elaboração de situações traumáticas. A partir disso, pode-se afirmar que os sonhos, e por analogia o aparelho psíquico, têm outra função — dominar os estímulos que foram traumáticos — que, embora não contradiga o princípio de prazer, é independente deste e muito mais primitiva que ele. Existe, portanto, um “mais além do princípio de prazer”.⁴⁴

A partir destas considerações, será que se pode afirmar que a compulsão à repetição tenta inscrever no psiquismo aquilo que não tem representação, que não encontrou outras formas de se fazer representar? Apesar de tais eventos que escapam à representação psíquica serem considerados como sendo traumáticos, por sua qualidade de serem excessivos em relação à excitação que o aparelho psíquico é capaz de suportar, é necessário afirmar, por outro lado, que é justamente o caráter compulsivo, isto é, a insistência com que essas representações que estão fora do circuito pulsional tentam se inscrever, que permite considerar os limites desse processo. Assim, talvez seja válido pensar que os fatos sobre os quais se está tratando aqui não pertencem mais ao campo da representação. O que esses eventos conseguem ao se repetir compulsivamente é, talvez, somente uma *apresentação*, mas sem possibilidades de simbolização. Para entender o que acontece com o que não pode ser representado, formulo a hipótese de

⁴⁴ Cf. FREUD. *Além do princípio de prazer*, p. 42-43.

que tais eventos seguirão o caminho do corpo, como uma última tentativa de que fazer representar. Voltarei a este último aspecto mais adiante.

2.5 A compulsão à repetição após 1920

Em escritos posteriores a *Além do princípio de prazer*, como, por exemplo, “Observações sobre a teoria e prática da interpretação de sonhos” (1922) e “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), Freud faz mais alguns acréscimos sobre a compulsão à repetição. No texto de 1922, ele afirma que a transferência positiva é o que dá assistência à compulsão à repetição na “luta” desta última em superar o recalçamento.⁴⁵ Na verdade, continua Freud, só após o trabalho do tratamento, sob a influência da transferência positiva, ter afrouxado um pouco o recalque é que a compulsão à repetição pode mostrar sua força. Nesse ponto do texto, Freud retoma uma pequena passagem de *Além do princípio de prazer* para fazer um acréscimo na relação entre transferência e repetição. Já no texto de 1926, ele fala sobre a relação da resistência com a repetição. Primeiramente, retoma o que havia afirmado em *O ego e o id* (1923), isto é, que a maioria das resistências que têm de ser vencidas durante a análise provém do eu.⁴⁶ Logo depois, Freud fala da existência de uma resistência do Inconsciente, manifestada sob a forma de compulsão à repetição:

Pode ser que depois de a resistência do ego ter sido removida, o poder da compulsão à repetição – a atração exercida pelos protótipos inconscientes sobre o processo instintual reprimido – ainda tenha de ser superado. Nada há a dizer contra descrever esse fator como a resistência do Inconsciente.⁴⁷

⁴⁵ FREUD. “Observações sobre a teoria e prática da interpretação de sonhos”, p. 132-133.

⁴⁶ FREUD. “Inibições, sintomas e ansiedade”, p. 183.

⁴⁷ FREUD, op. cit. p. 184.

Note-se que Freud, ao fazer esta afirmação, corrige o que havia dito em *Além do princípio de prazer*, quando comentou não haver resistência do Inconsciente, mas sim uma resistência inconsciente relacionada ao eu. Ele continua, contudo, ressaltando que não se deve ficar desestimulado em decorrência destas correções, uma vez que elas não invalidam os pontos de vista anteriores, além de ampliarem os conhecimentos.

É em “O problema econômico do masoquismo” (1924), porém, que se encontram as contribuições freudianas mais substanciais acerca da compulsão à repetição após o texto de 1920. Em 1924, Freud articula a compulsão à repetição com o masoquismo, salientando que este último possui a mesma face demoníaca da compulsão à repetição: primeiro, por ser uma expressão da pulsão de morte, e, segundo, porque carrega, sobretudo no masoquismo moral, a permanência de um sofrimento que parece advir de uma força demoníaca do destino. Estas observações também possibilitam interpretar a compulsão à repetição como sendo uma maneira de atualização do evento traumático. Se, no masoquismo moral, essa força é o último recurso de representação do poder que exige a renúncia à satisfação pulsional, na compulsão à repetição o destino se mostra sob a forma do acaso, por meio das circunstâncias que permitem a repetição.⁴⁸

Vejamos, a seguir, em que a retomada dessas contribuições freudianas sobre a repetição ajudam a pensar o corpo psicanaliticamente.

⁴⁸ Cf. GROSSI. *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 119.